

SIMBOLISMO NO AMBIENTE DOMÉSTICO: ANÁLISE DO FILME “AINDA ESTOU AQUI” À LUZ DA PSICOLOGIA AMBIENTAL

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar como os elementos cenográficos contribuem para a construção da narrativa emocional, simbólica e espacial no filme *Ainda Estou Aqui*. A pesquisa, de natureza qualitativa, baseia-se na análise fílmica de cenas selecionadas, com foco nos ambientes domésticos e de convivência. Os resultados indicam que os espaços atuam como agentes narrativos, mediando experiências de acolhimento, pertencimento, tensão, luto e resistência por meio de recursos como iluminação, organização espacial, materialidade e sons. Conclui-se que o espaço fílmico possui forte potencial expressivo, ampliando a compreensão das relações entre indivíduo, ambiente e contexto histórico-social.

Palavras-chave: psicologia ambiental; neuroarquitetura; cenografia; ditadura; luto.

1 INTRODUÇÃO

Ainda Estou Aqui é um filme brasileiro do gênero drama biográfico, dirigido por Walter Salles e estrelado por Fernanda Torres e Fernanda Montenegro, que desenvolve sua narrativa predominantemente no ambiente doméstico da família Paiva, transformado em extensão emocional do luto, da espera e da resistência. O filme utiliza espaços marcados pelo silêncio e pela ausência para converter a casa em símbolo de prisão invisível e memória, permitindo uma leitura simbólica dos ambientes que ultrapassa a função meramente cênica.

Nesse contexto, compreender como os elementos cenográficos e arquitetônicos contribuem para a construção simbólica e emocional da narrativa torna-se essencial para uma abordagem mais aprofundada do filme. O espaço deixa de ser pano de fundo para se tornar um agente narrativo, impregnado de significados afetivos, históricos e psicológicos. Ao aplicar conceitos da psicologia ambiental e da cenografia fílmica, é possível investigar como os ambientes representados no filme afetam tanto os personagens quanto os espectadores, revelando camadas profundas de simbolismo, percepção e emoção.

Esta pesquisa justifica-se pela relevância das abordagens interdisciplinares na análise cinematográfica, ao integrar conceitos da arquitetura e da psicologia ambiental. O filme *Ainda Estou Aqui*, ao

Ana Flávia Silva Carneiro
Graduanda em arquitetura e urbanismo do
centro universitário Christus
<https://orcid.org/0009-0001-5560-2522>
flaviascarneiro.arq@gmail.com

Letícia Keroly Bezerra Alexandrino
Doutoranda e mestra em psicologia ambiental,
arquiteta e urbanista, docente e coordenadora
do curso de arquitetura e urbanismo do
centro universitário Christus
<https://orcid.org/0000-0002-0716-9429>
leticia.alexandrino@unichristus.edu.br

Autor correspondente:
Letícia Keroly Bezerra Alexandrino
E-mail: leticia.alexandrino@unichristus.edu.br

Submetido em: 29/12/2025
Aprovado em: 02/01/2026

Como citar este artigo:
CARNEIRO, Ana Flávia Silva; ALEXANDRINO, Letícia Keroly Bezerra. Simbolismo no ambiente doméstico: análise do filme “Ainda Estou Aqui” à luz da psicologia ambiental. *Revista Interagir*, Fortaleza, v. 24, n. 130, p. 196-198, 2026.

abordar temas como luto, violência política e memória, evidencia o papel dos espaços na mediação de experiências emocionais e simbólicas. Nesse sentido, o estudo contribui para ampliar a compreensão das relações entre espaço e subjetividade, tendo como objetivo investigar como os elementos cenográficos contribuem para a construção da narrativa emocional, simbólica e espacial no filme *Ainda Estou Aqui*.

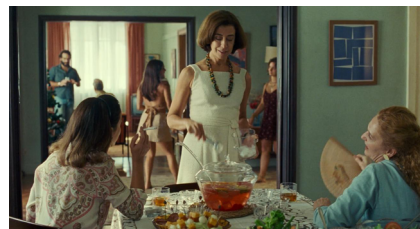
2 MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, cujo objeto de estudo é o filme *Ainda Estou Aqui*. A investigação baseia-se na análise de cenas selecionadas, a partir de uma abordagem interdisciplinar que articula arquitetura, cenografia e psicologia ambiental, com o objetivo de compreender os significados simbólicos dos ambientes representados. O filme foi assistido em múltiplas sessões, considerando aspectos técnicos como enquadramento, iluminação, cores, cenografia, trilha sonora, uso do silêncio e estrutura narrativa. Parte-se do entendimento de que o espaço fílmico atua como agente simbólico da narrativa, refletindo e mediando estados emocionais relacionados à memória, à ausência e ao pertencimento, permitindo a articulação entre os elementos espaciais e os conceitos teóricos adotados (Chagas, 2008; Mombelli; Tomaim, 2015; Costa, 1989).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise de *Ainda Estou Aqui* evidencia que o espaço construído assume papel central na construção narrativa e emocional do filme, atuando como elemento ativo na mediação das experiências dos personagens. Na primeira parte da narrativa, os espaços domésticos, em especial a residência da família Paiva, são apresentados como ambientes de acolhimento, segurança e estabilidade emocional. Essas características são reforçadas pela organização espacial, pela presença constante de iluminação e ventilação naturais, bem como pela materialidade dos ambientes, aspectos que, sob a perspectiva da psicologia ambiental, contribuem para a sensação de pertencimento (Mourão; Cavalcante, 2020) e para o fortalecimento do vínculo afetivo com o lugar (Elali; Medeiros, 2020) (Figura 1).

► Figura 1: Eunice e suas amigas conversando durante o almoço de despedida de Vera Paiva



Fonte: GloboPlay (2025)

A casa configura-se como um espaço de encontro, socialização e descanso, marcado por sons cotidianos, como conversas, músicas e risadas, que intensificam a percepção de conforto e familiaridade. Tais atributos

aproximam o ambiente doméstico do conceito de ambiente restaurador, entendido como aquele capaz de reduzir a fadiga física e mental de seus usuários (Alves, 2020). Além da residência, o filme destaca a praia como outro ambiente restaurador relevante, funcionando como espaço de lazer, convivência e liberdade para a família, reforçando a relação positiva entre ambiente, bem-estar e experiências afetivas (Figura 2).

► Figura 2: Família Paiva e amigos registram momentos de lazer e diversão na praia



Fonte: GloboPlay (2025)

Com o avanço da narrativa e o desaparecimento forçado de Rubens Paiva, observa-se uma ressignificação progressiva desses espaços. A casa, anteriormente percebida como refúgio, passa a expressar tensão, silêncio e vigilância, refletindo o estado emocional dos personagens que permanecem. Essa transformação é construída por meio de recursos cinematográficos como a redução da iluminação, o uso de sombras, enquadramentos mais fechados e a valorização de vazios espaciais, intensificando a sensação de opressão e ausência, que, segundo Günther e Fragelli (2020), são características que representam um ambiente estressor (Figura 3). Esses elementos evidenciam a

relação direta entre configuração ambiental e experiência emocional, em consonância com os princípios da neuroarquitetura.

► Figura 3: Eunice Paiva se despede de seu marido após policiais chegarem para levá-lo para prestar depoimento



Fonte: GloboPlay (2025)

Nesse contexto, o espaço fílmico atua como mediador do luto e da memória, permitindo que sentimentos de perda, resistência e resiliência sejam comunicados visualmente ao espectador. A repetição de trajetos, a permanência em determinados cômodos e o apego a objetos cotidianos reforçam a noção de previsibilidade e controle emocional (Figura 4), frequentemente apontada pela psicologia ambiental como estratégia de enfrentamento em situações de estresse e ruptura (Günther; Fragelli, 2020). Assim, o ambiente não apenas abriga os personagens, mas participa ativamente da construção de suas respostas emocionais ao longo da narrativa.

Os resultados indicam que o filme utiliza os elementos espaciais para provocar respostas sensoriais e emocionais, aproximando-se dos princípios da neuroarquitetura. Assim, *Ainda Estou Aqui* evidencia a potência

► Figura 4: Eunice Paiva olhando álbum de fotos da família para se recordar de seu marido desaparecido



Fonte: GloboPlay (2025)

do espaço fílmico para comunicar afetos, estruturar a narrativa e ampliar a compreensão das relações entre indivíduo, ambiente e contexto sociopolítico.

4 CONCLUSÃO

A análise fílmica de *Ainda Estou Aqui* evidencia que o espaço exerce papel central na construção da narrativa e das experiências emocionais dos personagens, atuando como agente ativo na expressão de acolhimento, tensão, luto e resistência. À luz da psicologia ambiental e da neuroarquitetura, observa-se que elementos como iluminação, organização espacial, materialidade e vazios influenciam diretamente a percepção emocional, o pertencimento e a memória. Assim, o filme contribui para o debate interdisciplinar ao demonstrar que o espaço fílmico possui potência para comunicar afetos e ampliar a compreensão das relações entre indivíduo, ambiente e contexto histórico-social.

REFERÊNCIAS

ALVES, S. Ambientes restauradores. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A.

(Orgs.). *Temas básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 44-52, 2020.

CHAGAS, R. L. F. *Arquitetura no cinema, crítica e propaganda*. 2008. 121 p. Dissertação de mestrado — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

COSTA, A. *Compreender o Cinema*. 3. ed. São Paulo: Editora Globo, 1989. 271 p.

ELALI, G. A.; MEDEIROS, S. T. F. Apego ao lugar. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 53-62, 2020.

GÜNTHER, I. A.; FRAGELLI, T. B. O. Estresse ambiental. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 191-197, 2020.

MOMBELLI, N. F.; TOMAIM, C. S. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. *Lumina*, v.8, n.2, jan. 2015, p. 1-17.

MOURÃO, A. R. T.; CAVALCANTE, S. C. Identidade de lugar. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 208-216, 2020.